Convergências: estudos em Humanidades Digitais

DITADURA, DISCOS VOADORES E IMPRENSA: O DESENVOLVIMENTO DE UMA IMPRENSA UFOLÓGICA (1977-1991)[1]

Dictatorship, flying Saucers and the press: the development of a ufological press (1977-1991)

Dictadura, platillos voadores y la prensa: el desenvolvimiento de una prensa ufológica (1977-1991)

Kevin Franco dos Santos[2]

Resumo: O texto analisa as relações entre a Ditadura Militar brasileira, a temática dos discos voadores e o desenvolvimento da imprensa ufológica na década de 1970. A partir de fontes como relatórios militares, jornais regionais e periódicos especializados, o artigo investiga a influência da Operação Prato, caso ufológico expressivo de 1977, na imprensa ufológica, a atuação dos ufólogos e a cobertura do caso pela imprensa. A metodologia baseia-se na análise crítica dos impressos regionais sobre a operação, das lacunas nas revistas ufológicas dos anos 1970 e da divulgação dos relatórios militares em periódicos em 1985 e 1991. Busca-se contribuir para a ampliação de estudos sobre a História da Imprensa durante a Ditadura, assim como a presença da Ufologia na historiografia brasileira.
Palavras-chave*:* História da Imprensa. Ditadura Militar Brasileira. Ufologia.

Abstract: The article analyzes the relationship between the Brazilian Military Dictatorship, the subject of flying saucers, and the development of the ufological press in the 1970s. Drawing on sources such as military reports, regional newspapers, and specialized periodicals, the article investigates the influence of Operação Prato, a prominent UFO case from 1977, on the ufological press, the activities of ufologists, and media coverage of the case. The methodology is based on a critical analysis of regional publications about the operation, the gaps in ufological magazines during the 1970s, and the publication of military reports in periodicals in 1985 and 1991. The article thus seeks to contribute to the expansion of studies on press history during the dictatorship, as well as on the presence of ufology in Brazilian historiography.
Keywords*:* History of Press. Brazilian Military Dictatorship. Ufology.

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

[2] Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. Mestre e licenciado em História pela mesma instituição. Pesquisa, no âmbito da historiografia, temas como representações e imaginários referentes a OVNIs, ufologia e discos voadores. E-mail: kevinfranco_16@hotmail.com; Lattes: http://lattes.cnpq.br/0632707282291203; Orcid iD: https://orcid.org/0000-0003-0765-603X.

Resúmen: El artículo analiza las relaciones entre la Dictadura Militar brasileña, la temática de los platillos voladores y el desarrollo de la prensa ufológica en la década de 1970. A partir de fuentes como informes militares, periódicos regionales y publicaciones especializadas, el artículo investiga la influencia de la Operação Prato, un destacado caso ufológico de 1977, en la prensa ufológica, la actuación de los ufólogos y la cobertura del caso por parte de la prensa. La metodología se basa en el análisis crítico de las publicaciones regionales sobre la operación, de las lagunas en las revistas ufológicas de la década de 1970 y de la divulgación de los informes militares en publicaciones periódicas en 1985 y 1991. De este modo, se busca contribuir a la ampliación de los estudios sobre la Historia de la Prensa durante la dictadura, así como sobre la presencia de la ufología en la historiografía brasileña.
Palabras-clave: Historia de la Prensa. Dictadura Militar Brasileña. Ufología.

Introdução

A relação de discos voadores e OVNIs, sigla que designa objetos voadores não identificados, com setores militares é imediata desde a fundação da ufologia enquanto área de conhecimento contemporânea. Esta área, dedicada ao estudo e investigação de uma hipótese de que tais objetos voadores constituem elementos de visitação da Terra por seres extraterrestres inteligentes, tem suas origens no caso Roswell, de 1947, em que um suposto disco voador teria caído numa fazenda do estado norte-americano do Novo México. Esses relatos inauguraram de vez a era moderna dos discos voadores (Carlos, 2007, p. 5) e o nascimento da ufologia.

O Brasil não ficou imune à febre dos discos voadores da década de 1950, embora seu caso de maior repercussão à época tenha sido uma grande fraude. Em 1952, dois repórteres da revista *O Cruzeiro* fotografaram em boa qualidade aquilo que seria um disco voador sobrevoando a Pedra da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro. A reportagem da revista que abrigou as fotos causou enorme repercussão, envolvimento direto das Forças Armadas brasileiras e setores governamentais, que mais tarde, de forma constrangedora, foram forçados a admitirem tratar-se de uma fraude orquestrada pelos repórteres da revista. Esse foi o caso da Barra da Tijuca.

A virada da década de 1950 para 1960 foi agitada no Brasil. A instabilidade política iniciada em 1961 com a renúncia do presidente Jânio Quadros, eleito presidente havia sete meses à época, resultou em uma crise política e institucional, que desembocou em uma tomada de poder por um grupo de alto escalão do Exército brasileiro em 31 de março de 1964, com apoio expressivo da sociedade civil. Justificada por uma ameaça comunista, a Ditadura civil-militar que se iniciava gradativamente aparelhou o Estado brasileiro, que passou a controlar amplos setores da vida social. Através de sua "Doutrina de Segurança Nacional", sistematizada

pelo "Serviço Nacional de Informações (SNI)", instauraram-se mecanismos de controle e vigilância sobre os cidadãos, em especial militantes de esquerda, artistas, políticos, cientistas, jornalistas, religiosos e intelectuais, considerados inimigos da "revolução" e opositores do regime. Com isso, o aparelho repressivo do regime militar, após o AI-5 tornou-se institucionalizado pela legislação[3], atingindo seu ápice nos anos 1970, que instalou um clima de terror velado no país.

Assim como nos Estados Unidos, a temática extraterrestre causava ruídos nas Forças Armadas brasileiras em virtude de tratar-se de tema de segurança nacional. E ao chegar do período repressivo da ditadura brasileira, esse tema entrou em banho-maria, embora não tenha sido esquecido.

Durante a Ditadura, o interesse da imprensa pelos discos voadores não cessou, ainda que tenha diminuído consideravelmente em função do contexto sociopolítico do país. Dados extraídos do acervo da Biblioteca Nacional apontam que: entre 1950 e 1959, o periódico Diário da Noite (RJ) noticiou 549 ocorrências envolvendo a palavra "discos voadores"; entre 1960 e 1969, no mesmo periódico, esse número cai para 74; entre 1970 e 1979, permanece em 74 menções[4]. Dadas às posições pouco receptivas e jocosas às teses da ufologia pela imprensa tradicional, ligada aos conglomerados midiáticos, não obstante, esta década testemunharia o surgimento das primeiras revistas especializadas em ufologia no país: *OVNI Documento* (1978) e *Disco Voador* (1979).

Na segunda metade desta década, especialmente nos anos de 1977 e 1978, cidades do Pará e Maranhão conviveram com terror e desespero noturnos. A presença de luzes misteriosas no céu atacava e feria os munícipes de Colares, Vigia, Quatipuru, todas situadas no Pará, além de outras regiões do Maranhão. A recorrência dos episódios e a grave situação das pessoas relacionadas motivaram o destacamento de um agrupamento militar subordinado ao I COMAR

[3] Com a proclamação em 13 de dezembro de 1968 do Ato Institucional n. 5, que fechou o Congresso, suspendeu as garantias constitucionais e, entre outras coisas, foi usado para legalizar a censura prévia, o regime passou a exercer de forma mais direta a atividade censória sobre a imprensa e a mídia. Censores foram instalados nas redações dos jornais; circulares eram enviadas a elas, dizendo o que se podia dizer e o que não se podia, vetando assuntos, nomes de pessoas e até palavras, como Brizola, Arraes, "comunismo", "tortura" etc. Ver: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 303p.

[4] Dados extraídos do site da Hemeroteca Digital. HEMEROTECA DIGITAL. **Discos voadores**. Biblioteca Nacional. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em 04 set. 2026

(Primeiro Comando Aéreo Regional), sob a tutela da Força Aérea Brasileira, para investigação e apoio tático aos envolvidos. Essa foi a Operação Prato.

Este trabalho, integrante do primeiro capítulo de dissertação defendida em 2023 e de pesquisa de doutorado em andamento[5], objetiva contribuir com as reflexões da História da Imprensa do estudo deste caso ufológico de expressão e como esta ocorrência repercutiu no estabelecimento de uma imprensa voltada à ufologia no Brasil.

. As fontes são oriundas da imprensa, com análise de reportagens de jornais sobre o fenômeno das luzes nos céus, como *Pequeno* e *O Estado do Maranhão,* do Maranhão, e *O Liberal* e *A Província do Pará*, do Pará; revistas periódicas de orientação ufológica, como a *Disco Voador*, *OVNI Documento*, *Ufologia Nacional & Internacional* e *UFO Documento*, e também documentos militares inicialmente secretos da Operação Prato. A seleção dessas fontes, inspirada pelos objetivos de Tânia Regina de Luca em *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a N(ação)* (1998), não ocorreu em razão de um hábito da profissão, marcada pelo fetiche das origens, mas porque ele recobre os anos decisivos para os nossos objetivos (Luca, 1998, p. 33), que resultam na análise da influência da Operação Prato no estabelecimento de uma imprensa ufológica no Brasil.

Os jornais regionais do Pará e Maranhão foram consultados no site "*Operação Prato: Tudo sobre o maior evento ufológico mundial*"[6], grande acervo memorialístico desta operação, que possibilitou acesso a uma variedade de documentações não somente jornalísticas, mas também militares, audiovisuais, dentre outras. Os periódicos ufológicos foram consultados a partir de um acervo pessoal de doações de Ademar José Gevaerd (1962-2022), editor de um conjunto de revistas ufológicas, no caso de *UFO Documento* e *Ufologia Nacional & Internacional*, assim como as edições de *OVNI Documento* e *Disco Voador* digitalizadas disponíveis de forma online. A análise desses periódicos busca cruzar com informações dos relatórios militares, assim como abrange os colaboradores, em virtude destes produtos midiáticos agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (Luca, 2008, p. 140).

[5] SANTOS, Kevin Franco dos. **Contatos imediatos com o leitor**: a imprensa ufológica no Brasil. 2023. 185p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados. MS. 2023
[6] PORTAL DA OPERAÇÃO PRATO. **Operação Prato**: o portal do maior evento ufológico mundial. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: Operação Prato. Acesso em: 7 set. 2026

No âmbito das humanidades, a contribuição intelectual de João Francisco Schramm, em especial sua monografia nas Ciências Sociais[7] e sua dissertação de mestrado de cunho historiográfico[8], são as obras de referência para este trabalho, em virtude de sua investigação sobre a Operação Prato no âmbito da alteridade e da história política/militar. Renan Kepla, em sua dissertação de 2025[9], aborda a Operação Prato em seu terceiro capítulo. Ele a interpreta de forma crítica e desconstrutiva em três frentes a partir das abordagens da imprensa, dos relatórios da Operação e da abordagem do Serviço Nacional de Informações (SNI). Além disso, menciona a construção mitológica da Operação pelos coletivos ufológicos após a divulgação de documentos e relatórios.

Este trabalho busca ampliar discussões conexas, mas transversais aos pressupostos desses autores. Ele propõe compreender o contexto de surgimento de uma imprensa voltada aos discos voadores no âmbito de uma ditadura repressiva, com pano de fundo este importante caso ufológico que chamou a atenção das Forças Armadas. Isso vai ao encontro dos objetivos de Phillippe Sendas de Paula Fernandes e Marialva Carlos Barbosa em seu trabalho na área de Comunicação e Cultura (2020), que investigou a abordagem da imprensa paraense no fenômeno das luzes nos céus.O argumento aqui transposto revela que a abordagem da imprensa maranhense e paraense sobre ataques de luzes no céu contribuiu para a chegada dos militares com fins investigativos, algo que era de conhecimento da comunidade ufológica no período retratado, resultando em uma imprensa ufológica especializada que dedicou atenção a essa operação militar nos anos seguintes da redemocratização.

Operação Prato: as abordagens das imprensas e atuação ufológica na Ditadura (1977-1980)

Uma vez instalados no poder, os militares não haviam deixado de atentar-se para a temática ufológica, não necessariamente por acreditarem que se tratasse de discos voadores tripulados por extraterrestres, mas sim por quê:

[7] SCHRAMM, João Francisco. **A alteridade alienígena no discurso militar**. 2011. 70 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.
[8] SCHRAMM, João Francisco. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969-1986)**: segredos, tecnologias e guerras não convencionais. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016.
[9] KEPLA, Renan. **Entre o místico e o científico**: ufologia e investigações militares sobre OVNIs no Brasil (1953-1978). 2025. 215. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo. SP. 2025

> Esses objetos aparentemente se multiplicaram no pós-guerra e suas aparições têm fortes vínculos com a questão da tecnologia militar, não somente em seus aspectos técnicos, mas também as ansiedades, o pânico e os traumas decorrentes da militarização do espaço aéreo, bem como a lógica política da Guerra Fria (FARIA, 2019, p. 216 *apud* SCHRAMM, 2016).

Assim, os militares criaram, a partir de 1969, um órgão especializado para tratar do assunto: o SIOANI (Sistema de Investigação de Objetos Aéreos não Identificados), que atuou de forma sistemática com boletins especializados e estava vinculado ao IV COMAR (4º Comando Aéreo Regional) da Aeronáutica como o órgão institucional dedicado à investigação ufológica no Brasil, atuou até 1972.

A investigação e o interesse dos militares pela casuística ufológica ganharam novos contornos quando, a partir de meados de abril de 1977, fora do Eixo Sudeste/Sul, centenas de habitantes das regiões do norte do Pará e Maranhão, nos municípios de Colares, Vigia e Santo Antônio do Tauá, passaram a conviver por meses com uma série de avistamentos e ocorrências de luzes que atacavam pessoas e extraíam seu sangue. Tal ocorrência ficou conhecida popularmente como "chupa-chupa".

Esse fenômeno escalou a um nível que chamou a atenção do Alto Comando da Aeronáutica, que destacou um agrupamento militar de apoio e investigação para a região mais afetada, em Colares, chefiado pelo então coronel da Força Aérea Brasileira Uyrangê Hollanda. Nomeada como "Operação Prato" (em referência à nomenclatura original do termo disco voador, em inglês *flying saucer* - prato voador em tradução livre), tal ação coordenada pelos militares produziu um extenso relatório que foi pouco a pouco vazado e liberado nos anos seguintes à sua ocorrência, constituindo um emblemático exemplo de uma investigação militar de ocorrências com discos voadores, além de construção imaginária de acobertamento e silenciamento de governos sobre a temática ufológica.

Sobre o relatório, é relevante mencionar as percepções de João Francisco Schramm, que dissertou sobre o tema e analisou o relatório:

> O acervo comtempla (sic) um grupo disperso de fotocopias reorganizadas daquilo que viria a ser o relatório da operação. Não existe capa, ou mesmo um texto conclusivo que contenha a opinião do chefe da operação, na época, o capitão da FAB Uyrânge Hollanda. Supõe-se que seu relatório final completo tenha sido adaptado para liberação pública numa versão parcial (Schramm, 2016, p. 85).

Como menciona Schramm, ainda que extenso, o relatório concernente às investigações conduzidas pelos militares é incipiente e sua totalidade ainda é desconhecida. Nesse ínterim, é notório que, ao observar partes recortadas, fora de ordem ou que não fornecem uma linha interpretativa própria, se forma um desafiador quebra-cabeças documental.

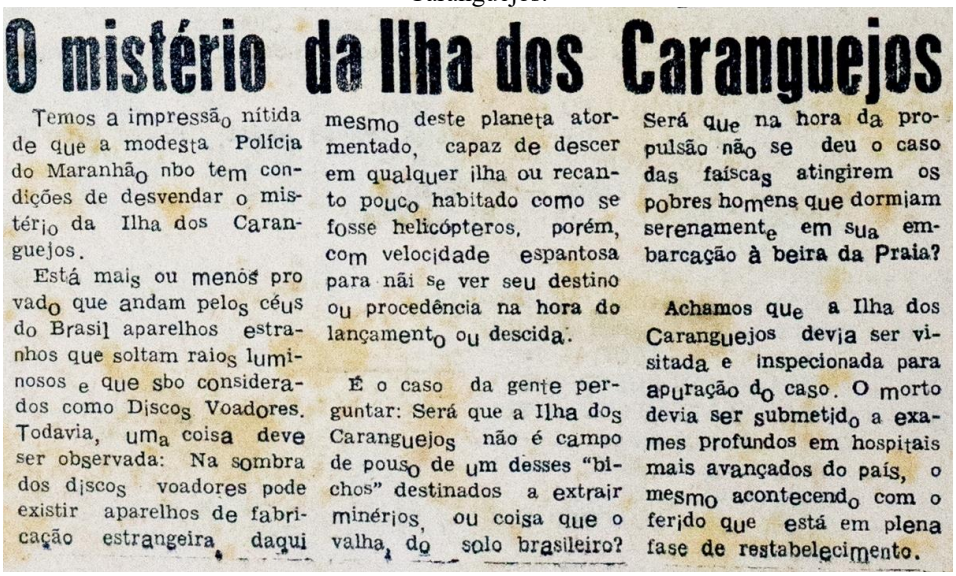
O contexto de ocorrência da Operação Prato, vale ressaltar, era de aprofundamento do crepúsculo da Ditadura Militar, que governava o Brasil desde 1964 e encarava o avanço de seu processo de desmonte rumo à democratização. Viviam-se os anos de abertura "lenta, gradual e segura" de Ernesto Geisel, mas a lentidão demoraria quase dez anos para a restauração completa do ambiente democrático no país. Nesse contexto transitório, a Ditadura já não tinha que lidar com ameaças internas de subversivos de forma peremptória como no apogeu dos Anos de Chumbo, mas não podia desligar-se de ocorrências, mesmo que distantes das grandes cidades do Sudeste, pelo legado da Guerrilha do Araguaia[10], ocorrida na divisa do Pará e Tocantins e que em anos anteriores (1972-1974) causou transtornos ao governo de Emilio Garrastazu Médici.

As primeiras ocorrências referentes a aparições de luzes e objetos voadores não identificados na região podem ser trilhadas a partir de um incidente na Ilha dos Caranguejos, na Baía de São Marcos, próximo à São Luís, em abril de 1977, em que quatro pescadores, descansando num barco à noite, foram atacados por um enorme clarão que vitimou uma pessoa, João Correia, e deixou dois outros hospitalizados.

O caso da Ilha dos Caranguejos foi fartamente explorado pela imprensa local entre os meses de abril, maio, junho e julho, em especial pelos jornais *Pequeno*, *O Imparcial, O Estado do Maranhão*. A abordagem dos jornais sobre o caso difere-se: o jornal *Pequeno* cobriu o caso com apenas três reportagens, do final de abril até meados de maio de 1977, todas lidando como uma ocorrência com características incomuns e que necessitava de uma resposta firme e investigação das autoridades:

[10] A Guerrilha do Araguaia foi o estabelecimento de uma guerrilha armada de militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), de final da década de 1960 até meados de 1974 quando foi desmantelada. Longe dos centros urbanos do Sudeste, ocorrida entre o Pará e Tocantins na bacia do Rio Araguaia, a guerrilha mobilizou tropas e missões do Exército visando seu aniquilamento total. Corpos de alguns militantes nunca foram recuperados e uma política de silêncio estabeleceu-se no Estado Brasileiro, ao passo que aspectos do movimento nunca foram plenamente elucidados. Ver mais: CAVALCANTI JUNIOR, Ary. **As Dinas do Araguaia**: diferentes trajetórias de uma luta contra a Ditadura Militar. 2020. 216 f. Tese (Doutorado em História) - Dourados. Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Figura 1 – Reportagem do Jornal *Pequeno*, de 01 de maio de 1977, cobrindo a ocorrência da Ilha dos Caranguejos.



O mistério da Ilha dos Caranguejos

Temos a impressão nítida de que a modesta Polícia do Maranhão nbo tem condições de desvendar o mistério da Ilha dos Caranguejos.

Está mais ou menos provado que andam pelos céus do Brasil aparelhos estranhos que soltam raios luminosos e que sbo considerados como Discos Voadores. Todavia, uma coisa deve ser observada: Na sombra dos discos voadores pode existir aparelhos de fabricação estrangeira, daqui mesmo deste planeta atormentado, capaz de descer em qualquer ilha ou recanto pouco habitado como se fosse helicópteros, porém, com velocidade espantosa para nãi se ver seu destino ou procedência na hora do lançamento ou descida.

É o caso da gente perguntar: Será que a Ilha dos Caranguejos não é campo de pouso de um desses "bichos" destinados a extrair minérios, ou coisa que o valha, do solo brasileiro? Será que na hora da propulsão não se deu o caso das faíscas atingirem os pobres homens que dormiam serenamente em sua embarcação à beira da Praia?

Achamos que a Ilha dos Caranguejos devia ser visitada e inspecionada para apuração do caso. O morto devia ser submetido a exames profundos em hospitais mais avançados do país, o mesmo acontecendo com o ferido que está em plena fase de restabelecimento.

Fonte: *Pequeno*, 1977, p. 1.

O jornal enumerou críticas ao Inquérito Policial, denunciando precariedade da Polícia do Maranhão, justificada por sua atuação opositora ao governo de Osvaldo Nunes Freire à época, cobrindo também a hipótese encadeada à época de que se tratava de uma ocorrência de discos voadores. O jornal *Pequeno,* porém, diferiu-se por considerar que, no interior do universo dos discos voadores, poderiam vigorar objetos terrestres de tecnologia estrangeira e desconhecida, tecendo uma hipótese geopolítica de que os ocorridos na Ilha dos Caranguejos seriam dessa natureza, destinados a extrair recursos minerais brasileiros à revelia.

A abordagem de *O Estado do Maranhão*, por conseguinte, foi distinta da empregada pelo jornal *Pequeno*. *O Estado do Maranhão*, publicação historicamente ligada ao grupo político de José Sarney, apresentou uma outra visão desta ocorrência. Destaca-se, aqui, a transcrição da extensa primeira das reportagens de *O Estado do Maranhão* sobre o ocorrido:

> **A TRAGÉDIA DA ILHA DOS CARANGUEJOS**
> Um morto, três feridos e um embarcadiço apavorado foi o saldo de uma tragédia, cujas causas ainda são desconhecidas. As três vítimas traziam as mesmas marcas misteriosas: QUEIMADURAS ESTRANHAS NOS SEUS CORPOS. Mas, na embarcação, no local onde dormiam, não foi encontrado qualquer indício de fogo ou algo capaz de produzir as estranhas queimaduras que vitimaram um dos quatro componentes da tripulação.
> O fato é que a Polícia está às voltas com um primeiro caso, são intrigantes, desta natureza. Tudo envolto no mais denso mistério. O enigma maior: QUEM OU O QUE SERIA O AUTOR da tragédia da Ilha dos Caranguejos? De quem ou de que seriam as marcas arredondadas e escuras, ao lado das vítimas, no porão da embarcação sinistrada?
> Todos os que se encontravam no barco pertencem à mesma família: três irmãos e um cunhado, o que afasta, de princípio, qualquer precipitada dedução de que tenha havido desentendimento entre eles. [...]
> **UM FATO INTRIGANTE**
> Esse fato, na realidade, chegou a intrigar até a própria Polícia, da mesma forma que a reportagem.
> O Comissário Vasconcelos é quem afirma: "Na embarcação, vi o corpo do rapaz ferido e, ao lado, o do seu irmão, o morto. Dava a impressão de alguém confeccionado. O corpo do que veio a falecer apresentava uma espécie de queimadura bastante grande, principalmente no braço. [...] Nunca tinha visto queimadura daquele jeito. [...] Dava a impressão de queimadura provocada por um ferro em brasa, mas não era não... Era realmente estranha... Mas, eu não vi indício de fogo ou incêndio na embarcação. O ferido ainda podia falar, mas não cheguei a ouvir o que ele balbuciava. Parecia estar com medo de alguma coisa. Seu olhar era muito estranho..." [...]
> **PODE SER DISCO VOADOR**
> Um cidadão, que se encontrava no Primeiro Distrito Policial, não hesitou em arriscar um palpite: "Na minha opinião, isso não passa de obra desses discos voadores. Pra acontecer o que aconteceu, só mesmo sendo esse negócio..."
> [...] Outra versão que corre é a de que poderia ser um raio. Poderia, mas não se encontrou também qualquer indício de que a embarcação tivesse sido atingida por descarga dessa natureza.
> O laudo médico de José Correia: "Morto por Derrame."
> As versões se misturam às suposições. Enquanto isso, a Polícia tenta deslindar mais um intrincado e rumoroso caso que, na opinião de muita gente, parece até estar ligado ao impossível (O Estado do Maranhão, 1977, p. 3).

A abordagem do jornal pendeu ao sensacionalismo ao relacionar com ênfase a ocorrência como insidiosa, sobrenatural, extraterrestre, inclusive nomeando-a como uma tragédia. Essa categoria ausenta autores de responsabilidade, cobrindo por todo o mês de maio o caso com reportagens extensas e que ressaltavam o caráter inusitado e misterioso dos eventos.Chamou a atenção, também, o jornal ter posicionado outras reportagens sobre o caso como um *Fait Diver*[11], ao lado de notícias inusitadas como "Mulher que tomou solda cáustica morreu ontem" (edição de 01 de maio de 1977, p. 2), "Gestante recebe chute e aborta criança"

[11] "Fatos diversos", jargão jornalístico originado do francês, designa notícias, inusitadas, curiosas, incomuns e insólitas que não são postas em seções editoriais tradicionais como política, economia ou cultura.

(edição de 31 de maio de 1977, p. 2), “Bebeu, brigou, apanhou e saiu ferido” (edição de 04 de maio de 1977, p. 3), que exemplifica sua atuação sensacionalista.

No Pará, porém, embora não fossem relatadas mortes como no Maranhão, a situação foi dramática. Os jornais *O Liberal*, *A Província do Pará* e *O Estado do Pará* cobriram intensamente os avistamentos e o crescente pavor e medo relatado pela população. Pode-se observar, a partir da abordagem da imprensa, três ondas de avistamentos e ocorrências no Pará: a primeira, de julho de 1977, recebeu cobertura de *O Liberal* e *A Província do Pará,* cobrindo preferencialmente as ocorrências de luzes misteriosas nas cidades de Bragança, Vigia e Viseu. A segunda onda, a mais abrangente e que coincidiu com a chegada das Forças Armadas, foi a de outubro a novembro daquele ano, que rendeu cobertura efusiva dos três veículos de imprensa; a última, de 1978, foi coberta especificamente por *O Estado do Pará*. Tais abordagens, segundo Fernandes e Barbosa (2020), poderiam conter ideias fantasiosas para uns, sensacionalistas para outros, mas, sobretudo, eram de interesse público (2020, p. 41).

Sobre a primeira onda, o jornal *A Província do Pará* foi o primeiro a noticiar um incidente de uma luz misteriosa do céu que sugava o sangue das pessoas, num pequeno quadro na página 16 do jornal, na seção de crimes violentos, no dia 11 de julho. Era a primeira menção dos famosos “chupa-chupa”, nome jocoso dado às ocorrências. *O Liberal*, porém, trouxe uma reportagem mais extensa, minuciosa e menos sensacionalista sobre o fenômeno no dia 10 de julho:

Figura 2 – Reportagem de *O Liberal* evidenciando o ataque de uma luz misteriosa em Viseu.



LUZ MISTERIOSA APAVORA VISEU

Em pequenas localidades próximas à cidade de Viseu, seus moradores vivem apreensivos e apavorados. Não saem mais de suas casas após às 18 horas nem para visitar os vizinhos mais próximos porque têm "medo duma lanterna com luz forte que vôa pelo céu e vem sugar o sangue da gente até deixar morto".

Se o fato é verídico ou apenas fantasia do nosso caboclo bragantino ninguém sabe explicar, desmentir ou confirmar. A verdade é que a conversa anda de "boca em boca" e já chegou até a pequenos locais do litoral maranhense próximo à zona bragantina.

A tal "lanterna com luz forte," para muitos que sabem contar a estória, sem nada de concretismo, é "disco voador dos russos" que estão pousando "aí pros lados de Viseu, Curupati, Urumajó e Itaçu".

Isto é o que muita gente sabe informar. Mas ninguém se atreve a dizer que viu, ouviu. Apenas de "ouvi falar".

Em meio a todo esse mistério de "disco voador" e "lanterna com luz forte" há sempre a citação de uma "suíça ou americana loura" que vive numa ilha, cujo nome é desconhecido, mas que para um pescador "é a do Cajueiro". Ela é bastante conhecida em Bragança, porém ninguém sabe seu nome, nem o que é o que faz efetivamente. A curiosidade da população de Bragança até agora se limitou a se aperceber de que ela é "hippie", vive sozinha nessa ilha e quando vem à cidade, que também não sabem informar por quais meios, sempre adquire "duzentos quilos de peixe". Por isso todos se perguntam: "para que a loura hippie quer tanto peixe, se vive sozinha?".

No aparecimento de mulher em toda essa estória há o depoimento da sra. Margarida, enteada do administrador do Aeroporto de Bragança (um campo de pouso cuja pista é gramada).

"Ela ia por uma capoeira e de repente apareceu uma mulher muito bonita. Estava toda de preto, da cabeça aos pés. Seus braços eram cobertos por uma roupa folgada até os punhos e usava luvas. As pernas também estavam cobertas até os tornozelos. Usava um negócio na cabeça. Ela se aproximou da Margarida e perguntou quantos filhos tinha, o que fazia, se não tinha medo de andar por ali sozinha. Depois desapareceu misteriosamente. A Margarida chegou em casa com uma dor de cabeça que não tinha mais tamanho".

O mesmo Américo (administrador do campo de pouso) é quem volta a falar, sempre com o "porroncal" à boca e apagado:

Para o deputado tudo não passa de fantasia.

O delegado acredita, com reservas.

"Ainda na quarta-feira a minha filha (mostrou a filha) estava aqui na frente de casa. Eram 10 da noite. De repente passou aquele clarão forte duma estrela que se movimentava. Eu contei aqui para os meus vizinhos e eles disseram que era o disco voador que estava vindo de Vizeu".

O delegado de Bragança, sargento Arlindo Dourado, ouviu falar no caso, mas foi como o próprio disse "foi conversa de bar, de gente que estava bebendo e logo não merecia crédito". O próprio Arlindo ainda comentava que depois tomara conhecimento de que duas pessoas tinham falecido em Vizeu depois de terem "o sangue chupado por uma luz que voava".

Muito calmo estava o deputado João Motta, que preferiu desmentir tudo:

"Tudo isso, meu amigo, não passa de mentira, boato. É gente que não tem o que fazer e vive inventando coisas. Eu já estive no Curupati de onde surgiu essa conversa tola e procurei lhes mostrar que tudo não passava de invenção".

O deputado ainda conta que soube das mortes, mas em Vizeu, ninguém sabia informar a identidade de quem tinha sido atingido pela "luz forte da lanterna".

Aliás, é o próprio João Motta quem conta uma outra estória surgida em Vizeu, em que um monstro, que eles apelidaram de "Ataíde", estava vindo em direção de Bragança. Por onde passava suas "patas deixavam tudo queimado. Não ficava ninguém pra contar a estória".

No "disse me disse" e "ouvir contar assim e assado" apareceu Carmen Lúcia Venanço Ribeiro. Ela é cozinheira da lanchonete do Terminal Rodoviário de Bragança. A mãe da dona da casa onde mora teve seu filho atingido pela luz e passou quase um mês no hospital:

"Foi lá no Itaçu, bem próximo de Viseu. O filho da mãe da mulher onde mora foi caçar. Passaram-se dois dias e ele não voltava para casa. Os amigos então foram procurá-lo e como sabiam onde era a "espera" dele o encontraram desfalecido. Trouxeram para o hospital e aqui ele ficou quase um mês. Ele contou que já era mais de meia noite quando viu aquela luz se aproximar da "espera". À medida que se aproximava de sua rede ia ficando como que embriagado, mas não de todo inconsciente. No braço direito sentiu aquela picada. Depois não se lembra de nada. Disseram os médicos que estava quase sem uma gota de sangue no corpo".

Toda essa estória da luz da lanterna" é conhecida em Bragança em especial pelos motoristas de táxi, ônibus e caminhão, e pelos habituais frequentadores dos bares. Todos eles contam a estória sem ter um pingo de certeza.

João Martinho de Almeida Filho, por exemplo, informava que um cidadão de Viseu contou-lhe que uma mulher saiu da tal luz. Estava com roupa toda prateada, aproximou-se dum morador e o manietou. Como ele gritasse e aparecesse gente, "de repente desapareceu a luz e a mulher". É ele quem informa também que quem não tinha arma nessas localidades próximas de Viseu passou a usá-las: "tem gente até que está dormindo com pedaço de pau embaixado da cama com medo desse mistério".

Fonte: *O Liberal*, 1977, p. 24.

Nessa reportagem de *O Liberal* já havia a menção a um disco voador, porém sem qualquer referência a uma natureza extraterrestre, que inclusive foi nomeado como "dos russos", referência ao avanço da tecnologia aeronáutica da União Soviética em 1977, que testou seu supersônico Tupolev Tu-144 com sucesso naquele ano. As autoridades, representadas pelo delegado e pelo deputado estadual, foram acionadas no intuito de acalmar e normalizar a situação para o grande público. Chamou a atenção que ambos os jornais fizeram referência a uma curiosa aparição no contexto dos relatos de uma mulher loira, alta, francesa (no relato de *A Província do Pará*), suíça ou americana (versão de *O Liberal*) e que teria se instalado na região, próxima à Ilha do Meio, na Baía de Marajó, morava sozinha e comprava alto volume de peixes, o que chamou a atenção da população.

O Liberal também dedicou repercussão aos avistamentos gerais no Maranhão, em especial na capital São Luís, conectando com os avistados relatados nas cidades paraenses,

chegando até mesmo a relatar que tais avistamentos chegaram ao conhecimento do Ministério da Aeronáutica por meio do prefeito Maneco Paiva, de Pinheiro, uma das cidades afetadas, na reportagem destacada abaixo:

Figura 3 – Reportagem de *O Liberal* cobrindo a onda de avistamentos no Maranhão.



Objeto voador misterioso apavora todo o Maranhão

SÃO LUÍS – O aparecimento do objeto voador não identificado na chamada Baixada Maranhense, além de preocupar a população rural daquela área começa, também, a causar preocupação para aqueles que residem em São Luís, com a notícia de que OVNI tem aparecido em diversas partes da capital maranhense, com algumas pessoas afirmando ter visto o objeto.

O aparecimento do OVNI também começa a preocupar as autoridades do Maranhão, com a Secretaria de Segurança enviando para a baixada uma equipe, a fim de "tomar pé da situação – e fazer um relato do clima de tensão que vive hoje a população rural da Baixada.

Diariamente, têm chegado pessoas residentes em diversos municípios da Baixada, como Cajapió, São Vicente de Ferrer, São Bento e Pinheiro, onde o objeto tem aparecido com mais frequência afirmando também ter visto o objeto. Ainda esta semana, no município de Pinheiro, o delegado local, tenente Amujacy, enviava aos seus superiores, em São Luís, a notícia de que o objeto misterioso teria tentado se comunicar, através de sinais com a patrulha volante comandada pelo delegado, no sentido de que fosse feito um relato à Secretaria de Segurança sobre o seu aparecimento.

Segundo ele, num desses locais, o motorista da camioneta que conduzia o delegado e os soldados, notou que o veículo estava sendo seguido, tendo o objeto chegado muito próximo do carro. Com isso, o motorista apagou as luzes com o OVNI apagando também as luzes permanentes e começou a emitir sinais luminosos para, em seguida, desaparecer.

Já anteontem chegava à Secretaria de Segurança Pública, o delegado do município de São Vicente de Ferrer, José de Ribamar Mendes Costa que comunicou ao diretor de segurança a presença do estranho aparelho naquele município. Segundo ele, o OVNI foi visto em cima de sua residência ele sacou do seu revólver e tentou atirar só não fazendo devido a forte luz que emitia o objeto.

Por outro lado, o prefeito de Pinheiro, Maneco Paiva enviou expediente ao comando da Aeronáutica, em São Luís, informando o aparecimento do OVNI em sua cidade, que tem deixado a população muito apreensiva e solicitando providências das autoridades federais.

O comunicado foi recebido e as autoridades da Aeronáutica, providenciaram o envio de expediente do prefeito para a Base Aérea de Recife, de onde seguiu para o Ministério da Aeronáutica, para que sejam tomadas as providências. Porém, decorridos dois dias, até agora nenhuma comunicação sobre a posição tomada pelo Ministério fora enviada a São Luís.

Fonte: *O Liberal*, 1977, p. 12.

Essa comunicação de autoridades municipais sobre os eventos relatados constituiu um catalisador de atenção do fenômeno para a imprensa. Segundo Fernandes e Barbosa, a partir do momento em que autoridades, como o prefeito de Vigia, asseguraram que realmente algo inexplicável ocorria no interior do Pará, a notícia se valoriza e os meios de comunicação se rendem ao chupa-chupa (Fernandes, Barbosa, 2020, p. 39).

Essa reportagem, datada de 29 de julho de 1977, demonstrou que no Maranhão, a casuística ufológica continuou a ser observada, o que motivou o contato do prefeito com o alto escalão da Aeronáutica. Embora haja essa referência a uma comunicação ao Ministério da Aeronáutica em relação aos acontecimentos na Baixada Maranhense, é curioso verificar que os militares tiveram foco maior nas ocorrências no Pará em detrimento as do Maranhão. Uma hipótese é de que o Pará, por ter abrigado anteriormente a Guerrilha do Araguaia, era visto como

uma região de atenção pelo governo em Brasília. Isso é corroborado pela reportagem de *UFO* 204, de outubro de 2013, que traz uma entrevista com Vitório Peret, que conviveu com Uyrangê Hollanda em 1977:

> De acordo com investigações oficiais, a estranha apresentava um passaporte de cidadania inglesa com a identidade de Elizabeth Queminet Berger. Segundo relatos dos habitantes locais, além de UFOs, durante a permanência da estrangeira na localidade era comum o desaparecimento inexplicável de pessoas. A identidade da mulher, sua aquisição de um terreno na ilha e os inquéritos policiais foram fartamente documentados. A ocorrência é também sustentada por inúmeros testemunhos de moradores que, entre outras histórias, contam que a inglesa costumava comprar grandes quantidades de peixes. No contexto daquela época, meados da década de 70, o fato levou muitos a suspeitar que o local estivesse sendo utilizado para abrigar um número desconhecido de pessoas — possivelmente guerrilheiros em treinamento. A partir dessas especulações o caso ganhou notoriedade e chamou a atenção da polícia, que passou a investigar Elizabeth (Peret, 2013, s.n).

A reportagem com a entrevista de Vitorio Peret contribui para elucidar os relatos sobre a misteriosa mulher loira do interior do Pará mencionada anteriormente e também ajuda a explicar o foco nas ocorrências na região, que poderiam servir como treinamento para guerrilheiros. Entretanto, o aspecto mais relevante é a ideia que, futuramente, resultaria em uma hipótese sobre os eventos da Operação Prato, envolvendo a presença internacional naquela região durante o período de ocorrência e investigação dos militares, também mencionada pela abordagem do jornal Pequeno do Maranhão. Sobre isso, deve-se rememorar a controvérsia da exploração de minério de ferro em Carajás, no Pará, que opôs uma poderosa empresa norte-americana, a *U.S Steel,* e estatais brasileiras, em especial a Companhia Vale do Rio Doce, em um processo em que a siderúrgica norte-americana se retirou da exploração em 1977.

A outra hipótese de atuação militar estrangeira, que no Maranhão também foi ventilada pelo jornal *Pequeno*, Schramm argumentou que:

> Nesse sentido, dentre os fenômenos que são atribuídos à Operação Prato, é interessante também registrar a possibilidade de que parte dos relatos atribuídos a Oanis pudessem ser oriundos de testes de sofisticadas armas secretas, capazes de criar ilusões celestes, usadas juntamente com aeronaves radicais, a exemplo do Oani em formato de "asa voadora", num exercício de guerra psicológica em que esses elementos trabalharam coordenadamente. [...] A esses elementos poderia somar também testes de raios lasers, que explicariam os feixes luminosos que atuavam na população, como uma tecnologia militar que somente viera ao mercado e ao conhecimento público décadas depois. Nessa concepção, a região de Colares e cercanias teria sido escolhida como palco de teste devidamente a sua baixa densidade demográfica e seu grande isolamento, sendo que a cobertura ufológica do evento, especialmente pelos órgãos de imprensa, e sua temática extraterrestre ofereceria a camuflagem ideal para esse tipo de teste (Schramm, 2016, p. 100).

Renan Kepla (2025) discorda desta análise, denunciando que o autor pendeu ao conspiracionismo ao propor tal hipótese (2025, p. 132). Nesse debate, a hipótese de Schramm fornece explicação para a principal tese, que é a origem e natureza dos objetos observados nas localidades, assim como as luzes que feriam a população. Mas, para isso, a atuação dos militares brasileiros e da imprensa precisaria ser totalmente repensada: se os militares desconhecessem operações estrangeiras no local, isso consistiria em grave violação do espaço aéreo e território brasileiros, além de um atestado de iniquidade das Forças Armadas, que neste cenário, não conseguiriam verificar ações humanas estrangeiras em tempo real. Porém, caso tivessem conhecimento dessas ações de atores internacionais, os militares brasileiros não estariam em missão de investigação, mas de cooperação internacional, e os relatórios, vazados e estudados nas décadas seguintes, consistiriam numa enorme farsa institucional e militar. Outro ponto residiria em uma total coordenação de veículos de imprensa antagônicos e diversos entre si na publicização do fenômeno do chupa-chupa. Ou seja: a hipótese de Schramm é verossímil, mas improvável dadas as conjecturas extremas.

Outra hipótese de atenção das Forças Armadas no Pará é a de que as ocorrências no estado tiveram um peso maior e mais dramático. Para isso, se valem novamente as análises oriundas das abordagens da imprensa: enquanto no Maranhão, embora fosse relatada uma morte misteriosa, o foco maior da incidência esteve nos avistamentos, que cessaram no mês de agosto, no Pará, ao contrário, os relatos do "chupa-chupa" apontavam contínuos ataques das luzes, que fizeram a população amedrontar-se, com uma escalada contínua de relatos de julho a novembro de 1977, o que coincidiu com os primórdios da chegada dos militares na região. Nesse contexto, a segunda onda, de outubro e novembro, recebeu uma cobertura ainda maior da imprensa, dada à dramaticidade das ocorrências e uma escalada contínua dos acontecimentos. Abaixo, segue uma extensa reportagem de duas páginas de *A Província do Pará*:

Figura 4 – Reportagem de *A Província do Pará*, de 20 de outubro de 1977 relatando a escalada dos incidentes em Vigia.



As evoluções dos objetos nos céus da Vigia

Ubintuba pode ser abandonada

Uma bruxa?

Missionários?

Na água

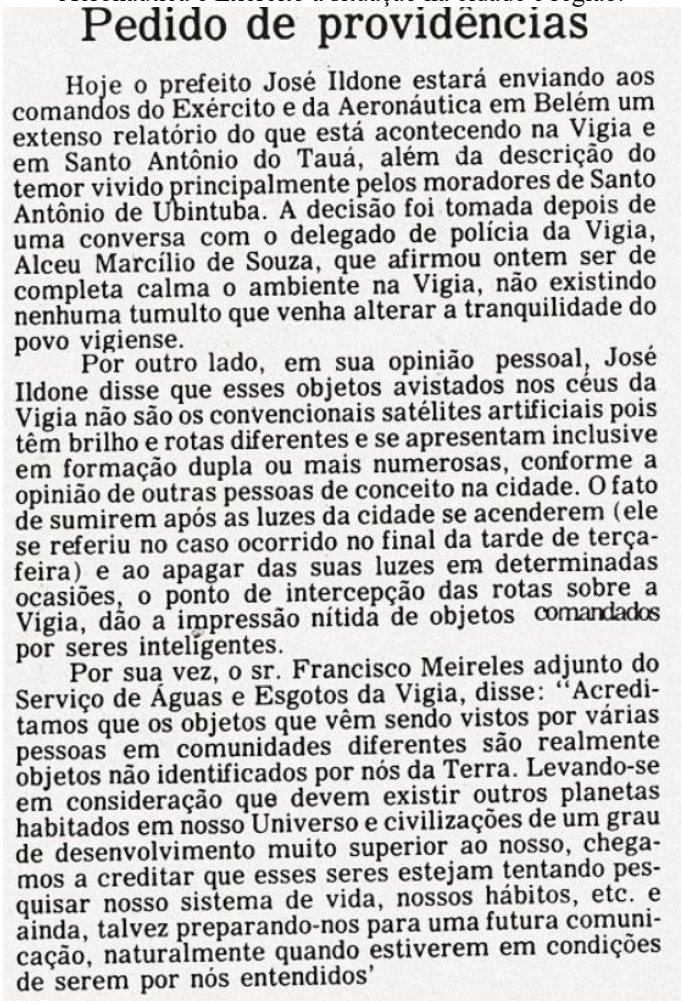
Pedido de providências

HEMORROIDAS
HEMO-VIRTUS

Fonte: *A Província do Pará*, 1977, p. 15.

Essa reportagem, flertando com o sensacionalismo e colorações pejorativas, trouxe elementos narrativos importantes: a menção a suposta mulher misteriosa no contexto dos avistamentos, colocada como suspeita de sugar o sangue de uma ribeirinha; o rústico mapa dos acontecimentos nas cidades da região, com foco em Vigia; as mudanças de hábitos dos moradores da cidade, que se reuniam em poucas moradias; os efeitos psicológicos dos avistamentos. O mais relevante, porém, foi o contato do prefeito de Vigia feito às autoridades militares em Belém:

Figura 5 – Recorte da edição de 20 de outubro de 1977 em que o prefeito de Vigia comunica aos comandos da Aeronáutica e Exército a situação na cidade e região.



Pedido de providências

Hoje o prefeito José Ildone estará enviando aos comandos do Exército e da Aeronáutica em Belém um extenso relatório do que está acontecendo na Vigia e em Santo Antônio do Tauá, além da descrição do temor vivido principalmente pelos moradores de Santo Antônio de Ubintuba. A decisão foi tomada depois de uma conversa com o delegado de polícia da Vigia, Alceu Marcílio de Souza, que afirmou ontem ser de completa calma o ambiente na Vigia, não existindo nenhuma tumulto que venha alterar a tranquilidade do povo vigiense.

Por outro lado, em sua opinião pessoal, José Ildone disse que esses objetos avistados nos céus da Vigia não são os convencionais satélites artificiais pois têm brilho e rotas diferentes e se apresentam inclusive em formação dupla ou mais numerosas, conforme a opinião de outras pessoas de conceito na cidade. O fato de sumirem após as luzes da cidade se acenderem (ele se referiu no caso ocorrido no final da tarde de terça-feira) e ao apagar das suas luzes em determinadas ocasiões, o ponto de intercepção das rotas sobre a Vigia, dão a impressão nítida de objetos comandados por seres inteligentes.

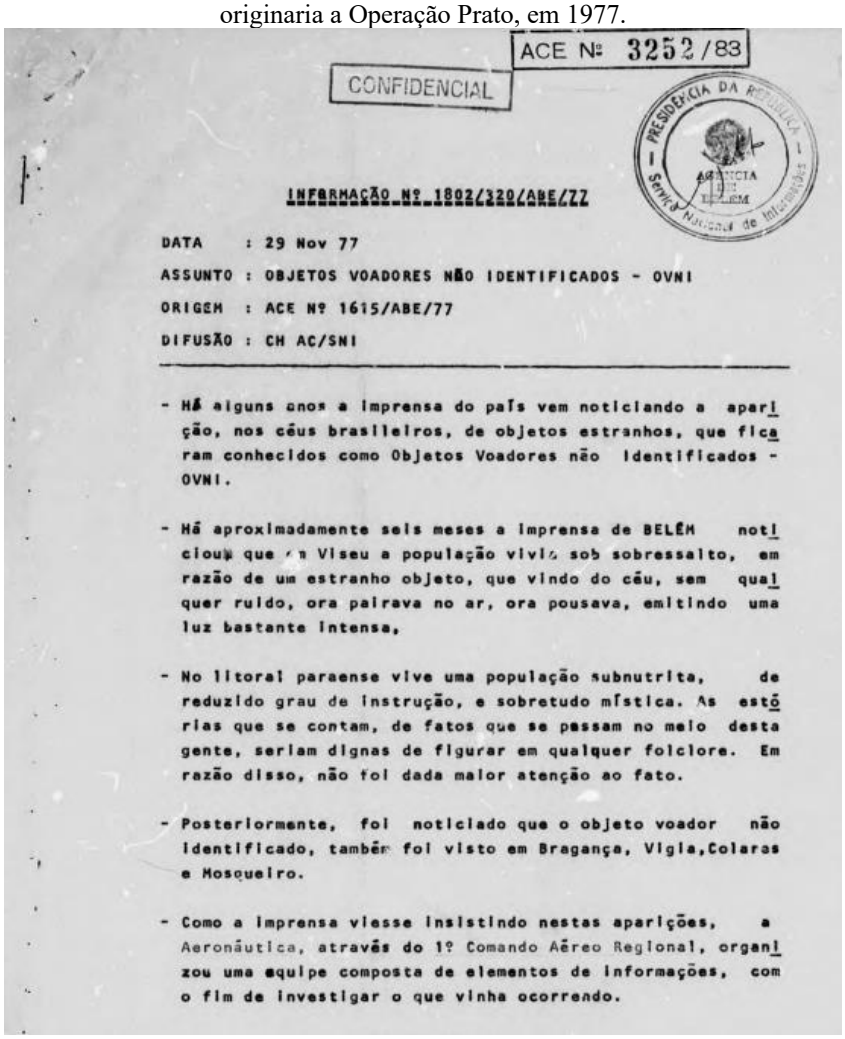
Por sua vez, o sr. Francisco Meireles adjunto do Serviço de Águas e Esgotos da Vigia, disse: "Acreditamos que os objetos que vêm sendo vistos por várias pessoas em comunidades diferentes são realmente objetos não identificados por nós da Terra. Levando-se em consideração que devem existir outros planetas habitados em nosso Universo e civilizações de um grau de desenvolvimento muito superior ao nosso, chegamos a creditar que esses seres estejam tentando pesquisar nosso sistema de vida, nossos hábitos, etc. e ainda, talvez preparando-nos para uma futura comunicação, naturalmente quando estiverem em condições de serem por nós entendidos'

Fonte: *A Província do Pará*, 1977, p. 15.

A justificativa do prefeito em acionar os militares reside na peculiaridade do caso, cujo desconhecimento e natureza das ações e dos objetos motivaram a atuação dos militares nas localidades. É curioso, porém, observar a negativa do delegado em corroborar os acontecimentos na cidade, que não ficam plenamente esclarecidos e que levantam dúvidas sobre tal ato.

Ao período de divulgação dessa reportagem, as equipes militares já estavam se deslocando às localidades, com as primeiras chegando por volta do dia 20 de outubro, coincidindo com a divulgação dessa reportagem, como exposto num informe sigiloso destinado ao Serviço Nacional de Informações:

Figura 6 – Informe do Serviço Nacional de Informações apontando razões para o destacamento militar que originaria a Operação Prato, em 1977.



ACE Nº 3252/83

CONFIDENCIAL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – Serviço Nacional de Informações

INFORMAÇÃO Nº 1802/320/ABE/ZZ

DATA : 29 Nov 77

ASSUNTO : OBJETOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS - OVNI

ORIGEM : ACE Nº 1615/ABE/77

DIFUSÃO : CH AC/SNI

- Há alguns anos a imprensa do país vem noticiando a aparição, nos céus brasileiros, de objetos estranhos, que ficaram conhecidos como Objetos Voadores não Identificados - OVNI.

- Há aproximadamente seis meses a imprensa de BELÉM noticiou que em Viseu a população vivia sob sobressalto, em razão de um estranho objeto, que vindo do céu, sem qualquer ruído, ora pairava no ar, ora pousava, emitindo uma luz bastante intensa.

- No litoral paraense vive uma população subnutrita, de reduzido grau de instrução, e sobretudo mística. As estórias que se contam, de fatos que se passam no meio desta gente, seriam dignas de figurar em qualquer folclore. Em razão disso, não foi dada maior atenção ao fato.

- Posteriormente, foi noticiado que o objeto voador não identificado, também foi visto em Bragança, Vigia, Colares e Mosqueiro.

- Como a imprensa viesse insistindo nestas aparições, a Aeronáutica, através do 1º Comando Aéreo Regional, organizou uma equipe composta de elementos de informações, com o fim de investigar o que vinha ocorrendo.

Fonte: Brasil, 1977, p. 1.

Renan Kepla questionou em sua pesquisa a atuação do SNI na produção desse informe, em que o autor considerou que a investigação realizada pelo órgão sobre a Operação Prato seguiu a lógica de gerar suspeitas acerca das atividades internas das próprias Forças Armadas, ao mesmo tempo em que acompanhava o crescente volume de relatos na imprensa que associavam os OVNIs às operações do 1º COMAR na região de Colares (Kepla, 2025, p. 159). Nesse sentido, observa-se que tais avistamentos e a repercussão da imprensa regional já repercutiam dentro do aparato institucional do governo há meses.

É importante destacar certos aspectos desse documento: em primeiro lugar, aparenta ser verídico, constando atualmente no Fundo OVNI do Arquivo Nacional, com o código BR DFANBSB ARX. Tal documento expôs as razões para o foco primordial no Pará, devido à

cobertura efusiva da imprensa. Datado de novembro de 1977, porém, foi catalogado e destinado ao Acervo em 1983, como consta no código ACE nº 3252/83.

A referência desta data leva à abordagem da imprensa voltada aos discos voadores sobre a Operação Prato. Neste segmento, a primeira das publicações ufológicas a noticiar os eventos relacionados a esse caso foi a revista *Disco Voador,* na edição inaugural de junho de 1979, que cobriu com uma inesperada, mas interessante reportagem o caso da Ilha dos Caranguejos.

Figura 7 – Reportagem de *Disco Voador* sobre o caso da Ilha dos Caranguejos, estopim dos eventos que levariam à Operação Prato.



O CASO
DA ILHA DOS CARANGUEJOS

I

Nossa ida a São Luís do Maranhão no dia 14 de dezembro (1978), por solicitação do Sr. Bob Pratt, do "National Enquirer", através dos bons ofícios da Sra. Irene Granchi, do Rio de Janeiro, teve como objetivo submeter à hipnose os três sobreviventes da tragédia ocorrida no barco *Maria Rosa* em 25/26 de abril de 1977. Tratava-se de, por meio desta técnica científica, tentar fazê-los reviver e rememorar o que teria então ocorrido, material este até então inacessível aos apelos conscientes durante os quase vinte meses já decorridos até o momento.

É fartamente conhecido o valor do processo hipnótico nesses casos e nossa experiência no manejo da hipnose médica em perto de 50 anos de clínica e mais de 10 na pesquisa ufológica para os casos tão comuns de amnésias parciais ou lacunares, animou-nos a aceitar o convite para colaborar no caso.

Na manhã de 15 de dezembro fomos apresentados aos 3 sobreviventes: Firmino, Apolinário e Aleuriano, no Hotel 4 Rodas de São Luís, pessoas simples, rústicas e simpáticas, de baixíssimo nível cultural e social, que nos pareceram muito sinceras e desejosas em colaborar no esclarecimento do que teria se passado naquela noite terrível.

Estabelecido o necessário clima de calor humano e *rapport* indispensável, com a explicação sumária do que pretendíamos fazer, iniciamos uma sessão geral de relax da qual participaram, além dos três pacientes, o Sr. Bob, a intérprete Srta. Tereza e duas amigas. Isto nos pareceu útil no sentido de influenciá-los favoravelmente para as induções posteriores. Estas se processaram com um paciente de cada vez, sem que os demais as presenciassem para evitar influência nos outros depoimentos, caso se obtivesse o resultado esperado. As sessões foram realizadas no aposento do Sr. Bob Pratt, no mesmo hotel, com temperatura agradável, silêncio completo e luz atenuada, tudo favorecendo o processo hipnótico.

As condições de saúde de Apolinário e Aleuriano eram boas. Relataram, entretanto, que, depois do acontecimento, permaneciam, além das sequelas conhecidas, alguma astenia, menor disposição para o trabalho, diminuição sensível da libido e certa instabilidade em sua potência eretiva. Apolinário, além disto, queixava-se de que sua mão esquerda ainda não se recuperara completamente, apresentando, às vezes, menos coordenação motora e tremor.

As condições de Firmino não eram boas, pois há dois dias vinha apresentando febre, distúrbios gastrintestinais e acentuada fraqueza geral. Estava, assim, com reduzida capacidade de concentração, razão pela qual a indução hipnótica não ultrapassou a fase leve, hipnoidal (mild hypnosis), que, não obstante, favorece alguma recuperação de eventos inibidos ou bloqueados, pelo menos em psicoterapia.

Apolinário atingiu hipnose de nível médio logo à primeira indução, com fenômenos cataléticos, levitação da mão, movimentos automáticos, com estabelecimento do "sinal hipnogênico" para facilidade das induções posteriores e mais profundas, suficientes para a denominada "hipermnesia evocativa". Aleuriano foi o melhor paciente, entrando logo em transe profundo, com fenômenos sonambúlicos favoráveis à regressão, razoavelmente obtida.

Fonte: *Disco Voador*, 1979, p. 8.

Escrita pelo colaborador Silvio Lago, médico e professor emérito da Universidade Federal Fluminense[12], a longa matéria apresenta o resultado de uma investigação preliminar de

[12] LAGO, Sílvio. Sílvio Lago. **Falando de Trova**. Disponível em: https://falandodetrova.com.br/silviolago. Acesso em: 5 jul. 2026

Silvio junto a Irene Granchi, ufóloga de reputação estimada no círculo ufológico brasileiro, e Bob Pratt, repórter do *National Enquirer*, tabloide norte-americano de abordagem sensacionalista, que cobriu os eventos ocorridos na Baixada Maranhense. Os três encaminharam-se à São Luís, em 14 de dezembro de 1978, quase 20 meses após os eventos da Ilha dos Caranguejos, e conduziram sessões de hipnose nos sobreviventes e afetados pelo incidente da Ilha. Sobre essa informação, Leonardo Breno Martins, em sua tese, argumentou que a prática de hipnoses após experiências ufológicas resulta em enredos com o impacto subjetivo e a aparência de lembranças fidedignas, sendo frequentemente elaboradas como experiências anômalas (Martins, 2015, p. 67), embora tais práticas pouco possam ser averiguadas ou apontadas como fidedignas.

Mencionada na reportagem, Irene Granchi foi um dos arautos da ufologia brasileira até seu falecimento em 2010. Alemã naturalizada no Brasil, Granchi inaugurou a figura de ufólogo no país e foi a responsável pela primeira revista voltada aos discos voadores e extraterrestres que circulou no Brasil: *OVNI Documento*, publicação de ufologia bimestral e que durou de outubro de 1978 a junho de 1980. É curioso perceber, porém, que mesmo envolvida em atividades relacionadas aos avistamentos no Maranhão, Granchi não cobriu o incidente em nenhuma das 7 edições de seu periódico, com exceção de uma pequena menção que a revista transcreveu de sua fala no I Congresso Brasileiro de Ufologia, em 15 de março de 1979, em que Granchi mencionou a ocorrência na Ilha dos Caranguejos ao comentar sobre atitudes hostis ou agressivas dos extraterrestres na *OVNI Documento* de nº 4, de julho/setembro de 1979.

Sobre a falta de menções aos eventos no Pará por parte das publicações ufológicas, pode-se pensar num contexto de vigilância, perseguição ou resguardo em função do contexto político da época e também pela presença de uma figura militar, ainda que bem quista e estimada, nos quadros da ufologia brasileira à época: o general da reserva Alfredo Moacyr Uchôa, que serviu como elo de ligação dos ufólogos a um número reduzido de militares. Em entrevista para Claudio Tsuyoshi Suenaga, em 1996, Granchi afirmou que não havia sido perseguida pela Ditadura:

> **Mauso** – O ufólogo e médico Walter Karl Bühler disse que a senhora era espiã.
> **Irene** – Fico indignada cada vez que ouço falar isso. Se tivesse sido, ou ainda fosse, estaria rico. Vivo da pensão do meu marido e da minha aposentadoria de professora da Cultura Inglesa. É só com esse dinheiro que eu sobrevivo.
> **Mauso** – O DOPS não perseguiu a senhora?
> **Irene** – Nada, nada, nada (Suenaga, 1996, s.n)[13].

Ainda que tenha alegado não ter sido perseguida pela Ditadura, Granchi e outros ufólogos brasileiros, a exemplo do próprio general Uchôa, foram vigiados pelo regime durante a década de 1970. Isso é corroborado por um informe confidencial do comandante do I COMAR, Major-Brigadeiro do Ar Protásio Lopes de Oliveira, ao chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, de fevereiro de 1979, que monitorou ocorrências relacionadas a OANIs, objetos aéreos não identificados, nomenclatura utilizada pela Força Aérea Brasileira, com uma série de referências às atividades e ações de ufólogos brasileiros. Alfredo Moacyr Uchôa e Irene Granchi são mencionados neste documento:

Figura 8 – Informe confidencial do I COMAR ao Estado Maior da Aeronáutica, mencionando uma reportagem de Irene Granchi e suas atividades ufológicas.



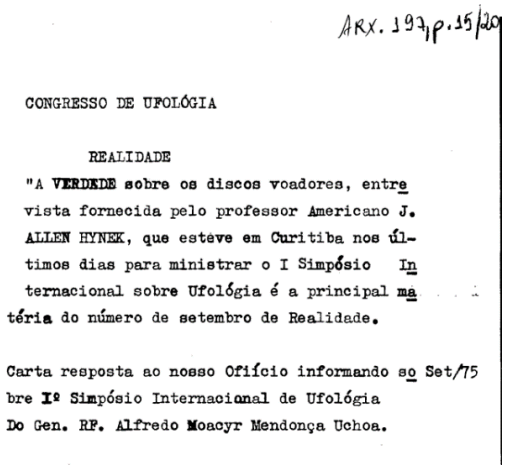
MISTÉRIO

Há trinta anos IRENE GRANCHI 14/09/76

Fonte: I Comar, 1979, p. 19.

[13] SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **Entrevista com Irene Granchi**. Blog Oficial de Cláudio Suenaga. Disponível em: https://www.claudiosuenaga.com.br/post/651158718031003648/irenegranchi. Acesso em: 5 jul. 2026

Figura 9 – Informe confidencial do I COMAR ao Estado Maior da Aeronáutica mencionando o general Alfredo Moacyr Uchôa e suas atividades ufológicas.



ARX. 197 p. 15/20

CONGRESSO DE UFOLÓGIA

REALIDADE

"A VERDADE sobre os discos voadores, entre vista fornecida pelo professor Americano J. ALLEN HYNEK, que esteve em Curitiba nos últimos dias para ministrar o I Simpósio Internacional sobre Ufológia é a principal matéria do número de setembro de Realidade.

Carta resposta ao nosso Ofício informando so Setembre Iº Simpósio Internacional de Ufológia Do Gen. RR. Alfredo Moacyr Mendonça Uchoa.

Fonte: I Comar, 1979, p. 15.

As menções aos ufólogos neste documento evidenciam que a Força Aérea estava reunindo documentação, civil e militar, relativa aos OVNIs e atenta à atuação de ufólogos brasileiros, como observado pelas divulgações do I Simpósio Internacional de Ufologia de 1975. Uchôa, mesmo sendo general da reserva, não é mencionado sob a forma de documentação militar, mas civil. E a esquiva resposta de Irene Granchi sobre ter sido perseguida pelo DOPS em entrevista a Suenaga demonstrou a parcimônia dos civis em relação à suposta vigilância dos militares durante a Ditadura, mesmo dez anos após o início da Nova República. Isso é evidenciado pela observação de que Uchôa era a figura central da ufologia brasileira que abordava ou falava sobre OVNIs e os militares em diversas reportagens e artigos de jornais.Não somente por sua ingressão nos meios militares, mas, obviamente, por sua patente, que poderia blindá-lo de qualquer intercorrência. A reportagem evidenciada abaixo demonstra a abordagem que Uchôa implementava ao falar de OVNIs e os militares:

Figura 10 – Reportagem sobre a palestra de abertura do General Uchôa da II Vigília Nacional, ministrada na Faculdade de Odontologia em Bauru (SP)



General Uchoa diz que Exército não se interessa por "objetos estranhos"

O general da Reserva Moacyr Uchoa, abriu em Bauru de sábado para domingo, a II Vigília Nacional, reunindo estudiosos sobre objetos voadores não identificados.

Proferiu palestra na Faculdade de Odontologia, falando a cerca de 500 pessoas por mais de duas horas, projetando slides como ilustração de sua fala. O general Uchoa é conhecido e considerado como o maior entendido no Brasil em ufologia, terminologia inglesa que é empregada nos estudos de objetos estranhos voadores e não identificados.

Ele é autor de diversos livros sobre os chamados discos voadores.

De sábado para domingo foi mantida vigilância aos céus, na tentativa de se detectar algum objeto voador extra-terreno. Ao final da palestra, o general Uchoa respondeu perguntas ao auditório que o aplaudiu muito pela brilhante exposição sobre um discutido tema realidade-ficção.

Após a palestra, respondeu perguntas a jornalistas:

— O Exército não vê de forma alguma os discos voadores e que eu saiba não há preocupação sobre isto. O SNI, tambem ao que eu saiba não se preocupa com discos voadores. Eu não falo ao SNI ou ao Exército nem para ninguem, eu prego para aqueles que podem entender e tem ouvidos para ouvir e olhos para enxergar.

— Alguma Nação se preocupa com a segurança em termos de UFO?

— Esse problema foi posto largamente nos Estados Unidos. Em 1954 quando o Governo norte-americano ia sustar a pesquisa, um avião militar desapareceu no bojo de um desses objeto identificado pelo Radar, e al foram restabelecidas as pesquisas no campo do UFO – Unidentified Flyng Objets, imaginando-se que isso era coisa de interesse de segurança. Em 1969 os americanos criaram uma Comissão que chegou a conclusão que não havia problema entre o

UFO e a segurança Nacional.

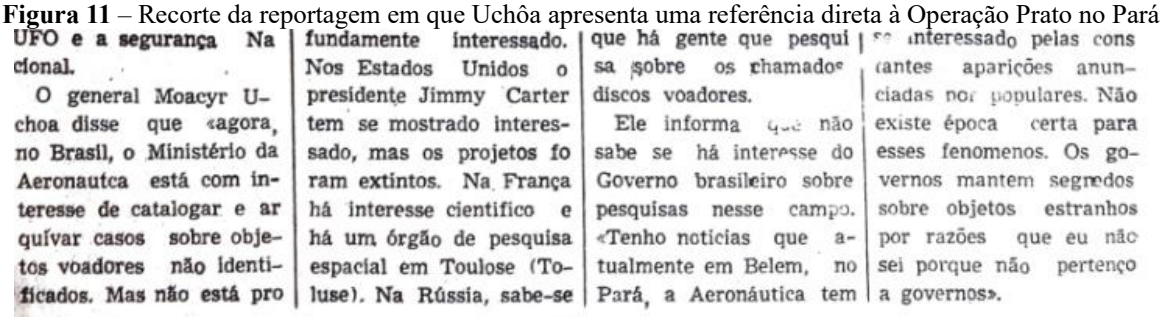
O general Moacyr Uchoa disse que «agora, no Brasil, o Ministério da Aeronautca está com interesse de catalogar e arquivar casos sobre objetos voadores não identificados. Mas não está pro fundamente interessado. Nos Estados Unidos o presidente Jimmy Carter tem se mostrado interessado, mas os projetos foram extintos. Na França há interesse cientifico e há um órgão de pesquisa espacial em Toulose (Toluse). Na Rússia, sabe-se que há gente que pesquisa sobre os chamados discos voadores.

Ele informa que não sabe se há interesse do Governo brasileiro sobre pesquisas nesse campo. «Tenho noticias que atualmente em Belem, no Pará, a Aeronáutica tem se interessado pelas constantes aparições anunciadas nos populares. Não existe época certa para esses fenomenos. Os governos mantem segredos sobre objetos estranhos por razões que eu não sei porque não pertenço a governos».

Fonte: *Diário de Bauru*, 1978, p. 13.

Ao final dessa reportagem, Uchôa apresentou evidência de que já se sabia dessa catalogação de incidentes com OVNIs, que resultaria no informe do Comar ao Estado Maior da Aeronáutica de fevereiro de 1979, e talvez a primeira menção direta às atividades da Operação Prato no Pará de um quadro da ufologia nacional quase contemporânea àquelas ocorrências:

Figura 11 – Recorte da reportagem em que Uchôa apresenta uma referência direta à Operação Prato no Pará



UFO e a segurança Nacional.

O general Moacyr Uchoa disse que «agora, no Brasil, o Ministério da Aeronautca está com interesse de catalogar e arquivar casos sobre objetos voadores não identificados. Mas não está pro fundamente interessado. Nos Estados Unidos o presidente Jimmy Carter tem se mostrado interessado, mas os projetos foram extintos. Na França há interesse cientifico e há um órgão de pesquisa espacial em Toulose (Toluse). Na Rússia, sabe-se que há gente que pesquisa sobre os chamados discos voadores.

Ele informa que não sabe se há interesse do Governo brasileiro sobre pesquisas nesse campo. «Tenho noticias que atualmente em Belem, no Pará, a Aeronáutica tem se interessado pelas constantes aparições anunciadas nos populares. Não existe época certa para esses fenomenos. Os governos mantem segredos sobre objetos estranhos por razões que eu não sei porque não pertenço a governos».

Fonte: Diário de Bauru, 1978, p. 13.

Ao mencionar que "Tenho notícias que atualmente em Belém, no Pará, a Aeronáutica tem se interessado pelas constantes aparições anunciadas nos populares" (Uchôa, 1978, p. 13), Uchôa evidenciou o conhecimento que a comunidade ufológica tinha dos eventos relatados pela

Operação Prato, tanto do Maranhão quanto do Pará, mas evitavam mencionar em razão da presença de militares nessas localidades. Dessa forma, Uchôa era o porta-voz para assuntos militares, pois era pouco provável que o governo militar iria contra um de seus que estava no topo da hierarquia militar.

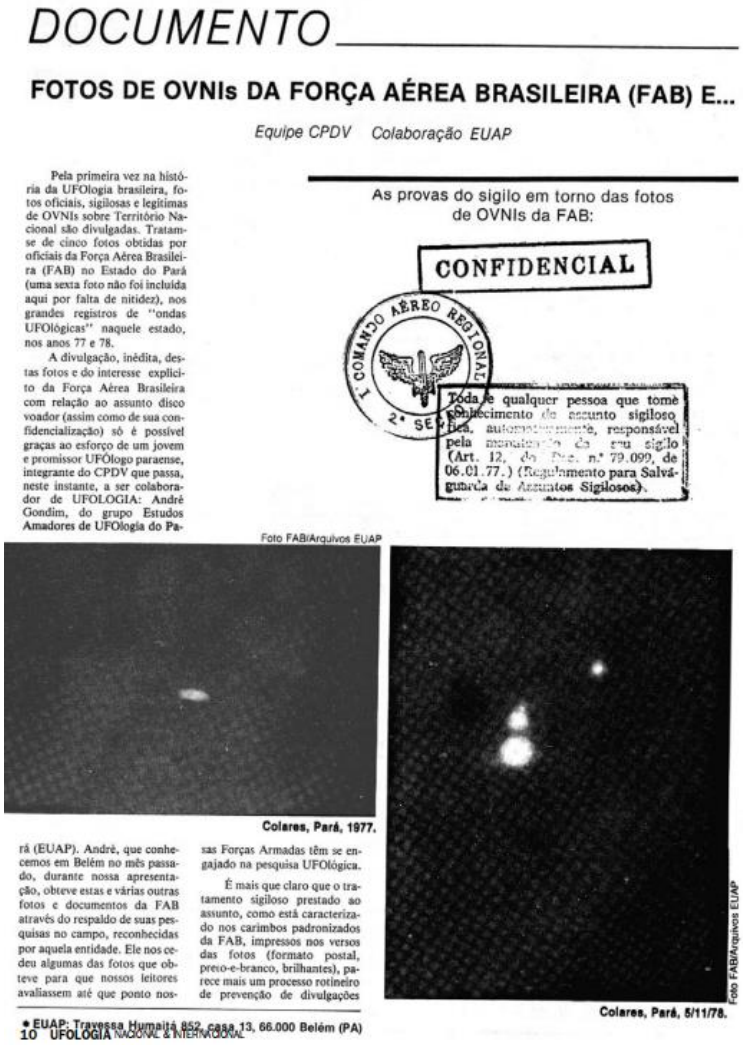
Somente em 1985 o novo ambiente político do país tornou mais propícia a menção de segredos militares pelos civis, ainda que o aparato repressivo não tivesse sido desmontado com a posse do civil José Sarney, mas os ventos da mudança varridos a partir de 15 de março daquele ano, tornaram possível a primeira menção direta aos incidentes da Operação Prato no Pará em uma revista especializada em ufologia.

A Operação Prato é revelada na imprensa ufológica (1985-1991)

Na década de 1980, com o lançamento de *Ufologia Nacional & Internacional* (1985-1986), a ufologia brasileira teve um novo produto midiático para divulgação de seus ideais, sob o legado do periódico de Irene Granchi, que também participou das atividades editoriais. Editado por Ademar José Gevaerd, conhecido como A.J Gevaerd, ufólogo paranaense de destaque, este periódico foi o pioneiro de outros três produtos de Gevaerd lançados sucessivamente: *Parapsicologia Hoje* (1986), *Psi-UFO* (1986-1987) e, finalmente, a revista *UFO* (1988-atualmente).

Na edição de nº 3, de julho/agosto de 1985, foram divulgadas cinco fotografias de OVNIs e objetos luminosos observados e registrados no Pará em 1977 e 1978. Tal fato foi celebrado pela revista, pois tratou-se da revelação de atividades e pesquisas militares com tais objetos:

Figura 12 – Reportagem de *Ufologia Nacional & Internacional* divulgando as primeiras imagens dos objetos luminosos da Operação Prato.



DOCUMENTO

FOTOS DE OVNIs DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA (FAB) E...

Equipe CPDV Colaboração EUAP

Pela primeira vez na história da UFOlogia brasileira, fotos oficiais, sigilosas e legítimas de OVNIs sobre Território Nacional são divulgadas. Tratam-se de cinco fotos obtidas por oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB) no Estado do Pará (uma sexta foto não foi incluída aqui por falta de nitidez), nos grandes registros de "ondas UFOlógicas" naquele estado, nos anos 77 e 78.

A divulgação, inédita, destas fotos e do interesse explícito da Força Aérea Brasileira com relação ao assunto disco voador (assim como de sua confidencialização) só é possível graças ao esforço de um jovem e promissor UFÓlogo paraense, integrante do CPDV que passa, neste instante, a ser colaborador de UFOLOGIA: André Gondim, do grupo Estudos Amadores de UFOlogia do Pa-

As provas do sigilo em torno das fotos de OVNIs da FAB:

CONFIDENCIAL

1º COMANDO AÉREO REGIONAL 2ª SE

Toda e qualquer pessoa que tomê conhecimento de assunto sigiloso fica, automaticamente, responsável pela manutenção do seu sigilo (Art. 12, do Dec. n.º 79.099, de 06.01.77.) (Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Foto FAB/Arquivos EUAP

Colares, Pará, 1977.

Foto FAB/Arquivos EUAP

Colares, Pará, 5/11/78.

rá (EUAP). André, que conhecemos em Belém no mês passado, durante nossa apresentação, obteve estas e várias outras fotos e documentos da FAB através do respaldo de suas pesquisas no campo, reconhecidas por aquela entidade. Ele nos cedeu algumas das fotos que obteve para que nossos leitores avaliassem até que ponto nossas Forças Armadas têm se engajado na pesquisa UFOlógica.

É mais que claro que o tratamento sigiloso prestado ao assunto, como está caracterizado nos carimbos padronizados da FAB, impressos nos versos das fotos (formato postal, preto-e-branco, brilhantes), parece mais um processo rotineiro de prevenção de divulgações

* EUAP: Travessa Humaitá 852, casa 13, 66.000 Belém (PA)

10 UFOLOGIA NACIONAL & INTERNACIONAL

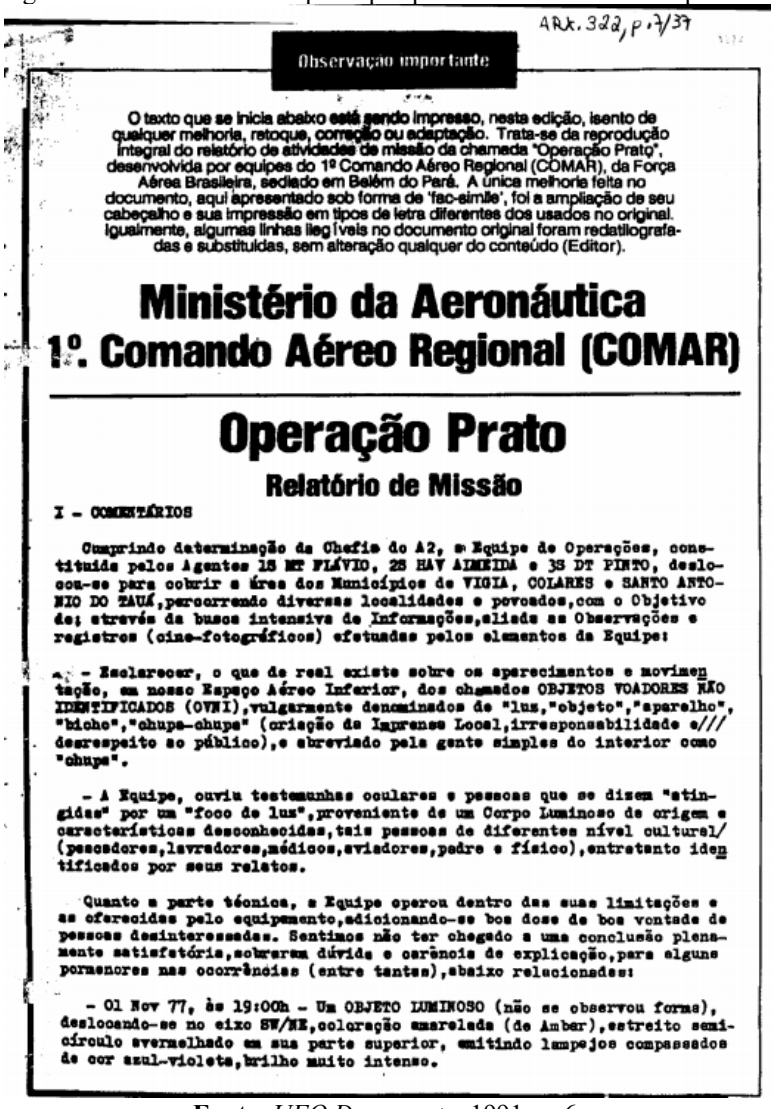
Fonte: *Ufologia Nacional & Internacional*, 1985, p. 10.

Nenhuma das cinco fotos apresentadas pela revista nesta edição estão nos relatórios conhecidos e vazados desses incidentes, até mesmo ausentes do famoso e extenso "Registro de observações de OVNIs", documento anexo dos relatórios que cataloga dezenas de fotos, croquis e descrições de avistamentos. Estão ausentes também quaisquer referências à nomenclatura oficial desta missão, que é nomeada como "ondas ufológicas". Aliada a essas fotos, uma pequena matéria escrita por Daniel Rebisso Giesse foi apresentada sobre as luzes e ocorrências ufológicas no Pará.

Em agosto/setembro de 1991, chegava às bancas a edição nº 2 de *UFO Documento*, nome bastante associado à pioneira *OVNI Documento* de Irene Granchi, que trazia luz finalmente aos segredos militares dessas ocorrências no Pará com um relatório extenso, naquele

momento, e oficial. Foi conhecida também a nomenclatura oficial desta missão militar: "Operação Prato", que revelava parte da pesquisa conduzida pelos militares em 1977 e 1978 no Pará. A figura abaixo destaca a primeira página da reportagem e parte do relatório:

Figura 13 – Reportagem de *UFO Documento* que expôs parte do relatório vazado para A.J Gevaerd em 1991.



ARx. 322, p. 7/39

Observação importante

O texto que se inicia abaixo está sendo impresso, nesta edição, isento de qualquer melhoria, retoque, correção ou adaptação. Trata-se da reprodução integral do relatório de atividades de missão da chamada "Operação Prato", desenvolvida por equipes do 1º Comando Aéreo Regional (COMAR), da Força Aérea Brasileira, sediado em Belém do Pará. A única melhoria feita no documento, aqui apresentado sob forma de 'fac-simile', foi a ampliação de seu cabeçalho e sua impressão em tipos de letra diferentes dos usados no original. Igualmente, algumas linhas ilegíveis no documento original foram redatilografadas e substituídas, sem alteração qualquer do conteúdo (Editor).

Ministério da Aeronáutica
1º. Comando Aéreo Regional (COMAR)

Operação Prato
Relatório de Missão

I - COMENTÁRIOS

Cumprindo determinação da Chefia do A2, a Equipe de Operações, constituída pelos Agentes 1S MT FLÁVIO, 2S HAV ALMEIDA e 3S DT PINTO, deslocou-se para cobrir a área dos Municípios de VIGIA, COLARES e SANTO ANTONIO DO TAUÁ, percorrendo diversas localidades e povoados, com o Objetivo de: através de busca intensiva de Informações, aliada as Observações e registros (cine-fotográficos) efetuadas pelos elementos da Equipe:

a - Esclarecer, o que de real existe sobre os aparecimentos e movimentação, em nosso Espaço Aéreo Inferior, dos chamados OBJETOS VOADORES NÃO IDENTIFICADOS (OVNI), vulgarmente denominados de "luz, "objeto", "aparelho", "bicho", "chupa-chupa" (criação da Imprensa Local, irresponsabilidade e/// desrespeito ao público), e abreviado pela gente simples do interior como "chupa".

- A Equipe, ouviu testemunhas oculares e pessoas que se dizem "atingidas" por um "foco de luz", proveniente de um Corpo Luminoso de origem e características desconhecidas, tais pessoas de diferentes nível cultural/ (pescadores, lavradores, médicos, aviadores, padre e físico), entretanto identificados por seus relatos.

Quanto a parte técnica, a Equipe operou dentro das suas limitações e as oferecidas pelo equipamento, adicionando-se boa dose de boa vontade de pessoas desinteressadas. Sentimos não ter chegado a uma conclusão plenamente satisfatória, sobraram dúvida e carência de explicação, para alguns pormenores nas ocorrências (entre tantas), abaixo relacionadas:

- 01 Nov 77, às 19:00h - Um OBJETO LUMINOSO (não se observou forma), deslocando-se no eixo SW/NE, coloração amarelada (de Amber), estreito semi-círculo avermelhado em sua parte superior, emitindo lampejos compassados de cor azul-violeta, brilho muito intenso.

Fonte: *UFO Documento*, 1991, p. 6.

A revista optou por transcrever todo o documento na edição, para proporcionar a leitura integral do documento. Essa parte vazada é componente do 1º relatório de missão, de 1977, recortado, com partes incompletas e fora de ordem: a figura que abre a reportagem, exposta acima, na verdade, está na página 34 de 40 do primeiro relatório. Ao final, nas páginas 32 da edição, constam croquis e fotografias de OVNIs do "Registro de observações de OVNIs",

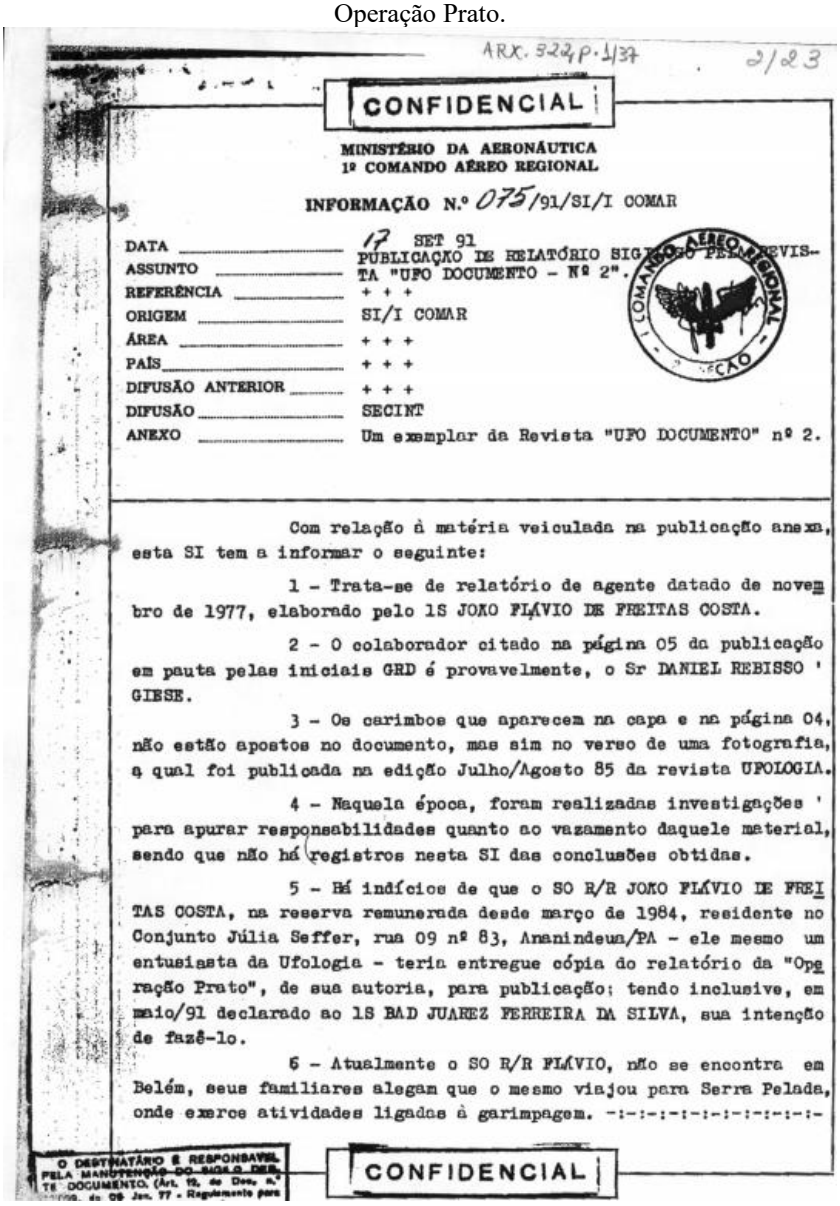
demonstrando que não foram apenas partes do primeiro relatório de missão que foram divulgados. As arguições de Schramm, nesse sentido, ainda são relevantes: a documentação da Operação Prato faz referência a numerosos eventos particulares, mas permanece incompleta como um agrupamento documental coeso (Schramm, 2016, p. 86).

Porém, quem fora responsável por formidável revelação? Os documentos da Operação Prato viram a luz do dia pelas mãos de um misterioso informante denominado pela revista como "GRD". O editor, Gevaerd, trouxe informações no editorial de abertura que fornecem impressões sobre GRD:

> E o que é este documento? Aqui vale um comentário: o material apresentado a seguir é o relatório de uma operação de pesquisas 'in loco' de equipes da Força Aérea Brasileira estacionadas no 1º Comando Aéreo Regional (COMAR) [...]. Estas manobras receberam o sugestivo nome de "Operação Prato", numa alusão aos pratos ou discos voadores, foi realizada no fim dos anos 70 e mantida em sigilo até agora, quando um colaborador apenas designado por suas iniciais, GRD, o conseguiu através de um informante do próprio COMAR e o passou para nossa Equipe para publicação. Queremos aqui agradecer a GRD por sua astúcia, ao seu "colaborador oculto", por sua consciência de que deve ser de conhecimento da Nação, e a variadas outras fontes, através das quais confirmamos o teor do texto que se inicia na próxima página (Gevaerd, 1991, p. 6).

GRD corresponde à sigla de Daniel Rebisso Giesse invertida, o correspondente da *UFO* no Pará e que escreveu matéria no contexto das fotos vazadas para *Ufologia Nacional & Internacional* em 1985. Seu informante dentro do COMAR? O 1º Sargento João Flavio de Freitas Costa, que participou da primeira missão, cujo relatório ele próprio escreveu e ele próprio foi o responsável pelo vazamento. Tais vazamentos de documentos sigilosos resultaram em investigação da FAB, que buscou apurar as origens do vazamento, responsáveis e quais conteúdos foram vazados:

Figura 14 – Seção de Informações sigilosas originária da FAB, destinada a apurar o vazamento do relatório da Operação Prato.



ARX. 522 P. 1/37 2/23

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
1º COMANDO AÉREO REGIONAL

INFORMAÇÃO N.º 075/91/SI/I COMAR

DATA 17 SET 91
ASSUNTO PUBLICAÇÃO DE RELATÓRIO SIGILOSO PELA REVISTA "UFO DOCUMENTO - Nº 2".
REFERÊNCIA + + +
ORIGEM SI/I COMAR
ÁREA + + +
PAÍS + + +
DIFUSÃO ANTERIOR + + +
DIFUSÃO SECINT
ANEXO Um exemplar da Revista "UFO DOCUMENTO" nº 2.

Com relação à matéria veiculada na publicação anexa, esta SI tem a informar o seguinte:

1 - Trata-se de relatório de agente datado de novembro de 1977, elaborado pelo 1S JOÃO FLÁVIO DE FREITAS COSTA.

2 - O colaborador citado na página 05 da publicação em pauta pelas iniciais GRD é provavelmente, o Sr DANIEL REBISSO ' GIESE.

3 - Os carimbos que aparecem na capa e na página 04, não estão apostos no documento, mas sim no verso de uma fotografia, a qual foi publicada na edição Julho/Agosto 85 da revista UFOLOGIA.

4 - Naquela época, foram realizadas investigações ' para apurar responsabilidades quanto ao vazamento daquele material, sendo que não há registros nesta SI das conclusões obtidas.

5 - Há indícios de que o SO R/R JOÃO FLÁVIO DE FREITAS COSTA, na reserva remunerada desde março de 1984, residente no Conjunto Júlia Seffer, rua 09 nº 83, Ananindeua/PA - ele mesmo um entusiasta da Ufologia - teria entregue cópia do relatório da "Operação Prato", de sua autoria, para publicação; tendo inclusive, em maio/91 declarado ao 1S BAD JUAREZ FERREIRA DA SILVA, sua intenção de fazê-lo.

6 - Atualmente o SO R/R FLÁVIO, não se encontra em Belém, seus familiares alegam que o mesmo viajou para Serra Pelada, onde exerce atividades ligadas à garimpagem. -:-:-:-:-:-:-:-:-:-:-

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTE DOCUMENTO. (Art. 12, do Dec. nº ... de 05 Jan. 77 - Regulamento para ...

CONFIDENCIAL

Fonte: Brasil, 1991, p. 1.

A partir desse documento, evidencia-se novamente a veracidade dos relatórios da Operação Prato. O informe militar reconheceu selos e a autoria dos relatórios, além de nomear os responsáveis.A própria posição da revista *UFO Documento*, um veículo de imprensa que foi o responsável pela divulgação, ressalta o impacto dessa operação no imaginário dos ufólogos em relação às conspirações no interior dos governos sobre a temática de discos voadores e o reordenamento de suas atuações como ufólogos.

Conclusões

A Operação Prato foi uma ocorrência investigativa dos militares bastante significativa. Motivados pela cobertura efusiva das mídias regionais, pelo legado de atividades subversivas em regiões longínquas em anos anteriores, os militares deslocaram-se para áreas remotas da Amazônia para averiguarem a situação numa operação sigilosa e mostrarem o braço do Estado vigilante sobre o território nacional. Dessa ação, produziu-se um extenso relatório que foi vazado parcialmente em 1991 e liberado pelo próprio Governo Brasileiro em 2009, após intensa campanha dos ufólogos requisitando tais documentos.

Esses elementos: documentos secretos, investigações do governo, vigilância à atuação dos ufólogos, características de forte clamor, demonstram que no Brasil, de fato, se construiu um aparato de vigilância aos incidentes com OVNIs, pautado pela atuação de um governo ditatorial que objetivava controle absoluto de seu território e conhecimento da atuação de uma parcela de seus cidadãos.

Isso fez com que a classe ufológica brasileira, centrada em seus periódicos, voltasse atenção anos depois aos relatórios das investigações para conhecerem o teor dessas pesquisas, visto que não havia paralelo no Brasil para conspirações de engenharias reversas, estudos e dissecações de extraterrestres como nos incidentes norte-americanos, explorando comercialmente esses ocorridos, mas construindo uma narrativa mitológica. Esse tipo de imprensa, surgido com as pioneiras *OVNI Documento* (1978) e *Disco Voador* (1979), demonstrou tratativas de inserir no Brasil um produto editorial característico da ufologia em meio a um caso ufológico que rompeu as barreiras midiáticas e teve atenção das Forças Armadas. Na década de 1980, sob a liderança de A.J Gevaerd, as revistas ufológicas atingiram repercussão, a ponto de serem responsáveis pelo vazamento dos primeiros documentos da Operação Prato.

O vazamento desses papéis no Brasil produziu um paralelo importante com a ufologia norte-americana à época, que discutia a veracidade ou não dos chamados documentos *Majestic-12*, um volume de documentos supostamente oriundos da administração estatal dos Estados Unidos, que revelava uma suposta conspiração do governo norte-americano de acobertamento e silenciamento de assuntos extraterrestres, numa enorme teia que envolvia os militares, o governo e agências governamentais responsáveis por essa política de censura. Dessa forma, com o vazamento dos relatórios da Operação Prato, os ufólogos brasileiros, saídos de uma

Ditadura, nessa visão, romperam primeiramente essa teia de censuras e sanaram sua busca por verdade, ainda que momentaneamente.

Referências

A PROVÍNCIA DO PARÁ. As evoluções dos objetos nos céus da Vigia. **A Província do Pará**. Belém, 20 out. 1977. 1º caderno, p. 15.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. Pedido de providências. **A Província do Pará**. Belém, 20 out. 1977. 1º caderno, p. 15.

BRASIL. Serviço Nacional de Informações. **Informação n.º 1802/320/AAE/ZZ: objetos voadores não identificados – OVNI**. Brasília, DF, 29 nov. 1977. Documento confidencial. ACE n.º 3252/83.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. I Comando Aéreo Regional. **Informe n.º 008/A2: encaminha pasta contendo registros de observações de Objetos Aéreos Não Identificados (OANI) ocorridas entre setembro de 1977 e novembro de 1978**. Belém, 5 fev. 1979. Documento confidencial. Acervo do Arquivo Nacional.

BRASIL. Ministério da Aeronáutica. 1º Comando Aéreo Regional (COMAR). **Informação n.º 075/91/SI/I COMAR: Publicação de Relatório sigiloso pela revista "UFO Documento-Nº 2**". Belém, PA: SI/I COMAR, 17 set. 1991. p. 1. Documento confidencial.

CARLOS, D. P. **Extraterrestres**: Ciência e Pensamento Mítico nas Sociedades Modernas. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade Federal de São Carlos

DIÁRIO DE BAURU. General Uchôa diz que Exército não se interessa por “objetos estranhos”. **Diário de Bauru**. Bauru, 1978, pág. 13

EQUIPE CPDV; EUAP. Fotos de OVNIs da Força Aérea brasileira e... **Ufologia Nacional & Internacional**. Campo Grande/MS. Ano 1, pág. 10, Ed. 3, jul-ago. 1985

FALANDO DE TROVA. Sílvio Lago - Niterói. **Falando de Trova**, Disponível em: https://falandodetrova.com.br/silviolago. Acesso em: 19 jun. 2026.

FARIA, Daniel. A história de uma história: terrorismo extraterrestre a favor do governo, Brasil *1968*. **Revista Hist. Historiografia**. v. 12, n. 31, set.-dez., ano 2019, p. 209-243 - DOI 10.15848/hh. v12i31.1472.

FERNANDES, P. S. P; BARBOSA, M. C. Luzes misteriosas nos céus da Amazônia: a imprensa paraense e as memórias do fenômeno chupachupa. **Conexão - Comunicação e Cultura**, v. 19, n. 37, 2020. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/10179. Acesso em: 31 out. 2026.

GEVAERD, A. J. Editorial. **Ufologia Nacional & Internacional**. Campo Grande/MS. Ano 1, pág. 1, Ed. 1, mar. 1985

GEVAERD, A. J. Finalmente revelado relatório oficial da FAB sobre UFOs na Amazônia. **UFO Documento**. Campo Grande/MS. Ano 1, Ed. 2, pág. 4-5, ago/set. 1991

HEMEROTECA DIGITAL. **Discos voadores**. Biblioteca Nacional. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em 04 set. 2026

JORNAL PEQUENO. Mistério na Ilha dos Caranguejos. **Jornal Pequeno**, São Luís, 1977, Seção Policial, pág. 1

LAGO, Silvio. O Caso da Ilha dos caranguejos. **Disco Voador**. Porto Alegre. Brasil. Ano 1, pág. 08-13, jul. 1979

LUCA, T. R.; MARTINS, A. L (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 303p.

LUCA, T. R. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. 326 p.

MARTINS, L. B. **Na trilha dos alienígenas**: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências "ufológicas" e "paranormais". 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

MELO, Demian Bezerra. Ditadura “civil-militar”? Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Espaço Plural**. 2012. Disponível: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944369004. Acesso em: 11 set. 2022

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. **Operação Prato – II Parte Informativa**. 1º Comando Aéreo Regional. Novembro de 1977. 10f. Disponível em: https://fenomenum.com.br/documentos/brasil/prato/Opera%C3%A7%C3%A3o%20Prato%20-%2001.01.01%20-%20Relat%C3%B3rio%20de%20Miss%C3%A3o%201.pdf. Acesso em: 04 mai. 2022.

O LIBERAL. Luz misteriosa apavora Viseu. **O Liberal**, Belém, 1977. Caderno 1, pág. 24

O LIBERAL. Objeto voador misterioso apavora todo o Maranhão. **O Liberal**, Belém, 1977. Caderno 1, pág. 12

PORTAL DA OPERAÇÃO PRATO. **Operação Prato**: o portal do maior evento ufológico mundial. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: Operação Prato. Acesso em: 7 set. 2026

SANTOS, Kevin Franco dos. **Contatos imediatos com o leitor**: a imprensa ufológica no Brasil. 2023. 185p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados. MS. 2023

SCHRAMM, João Francisco. **A alteridade alienígena no discurso militar**. 2011. 70 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

SCHRAMM, J. F. **A Força Aérea Brasileira e a investigação acerca de objetos aéreos não identificados (1969- 1986)**: segredos, tecnologias e guerras não convencionais. 2016. 166 f., il. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade de Brasília, 2016.

SUENAGA, C. T. **Entrevista com Irene Granchi**. 1996. Disponível em: https://www.claudiosuenaga.com.br/post/651158718031003648/irenegranchi. Acesso em: 16 jun. 2026

UFO DOCUMENTO. Operação Prato: UFOs assolam interior do país. **UFO Documento**. Campo Grande/MS. Ano 1, Ed. 2, pág. 6-27, agosto/setembro 1991

Recebido em: 19 de junho de 2026
Aceito em: 06 de novembro de 2026